



MINISTÉRIO DA
CULTURA



FUNДАРPE
FUNDAÇÃO DE RECURSOS
CULTURAIS E ARTÍSTICOS DE
PERNAMBUCO

Secretaria
de Cultura



Fundação
Joaquim
Nabuco



UPE
UNIVERSIDADE
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
MINISTÉRIO DA CULTURA
SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO
NORDESTE**

JOSÉ ADEILSON SOARES DA SILVA

**OS BACAMARTEIROS DE LAGOA DOS GATOS
BATALHÃO 51**

Recife
2016

JOSÉ ADEILSON SOARES DA SILVA

**OS BACAMARTEIROS DE LAGOA DOS GATOS
BATALHÃO 51**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com o Ministério da Cultura, a Fundação Joaquim Nabuco, a Universidade de Pernambuco e a Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, como requisito para obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Orientador: Prof. Carlos Sandroni

Recife
2016

JOSÉ ADEILSON SOARES DA SILVA

**OS BACAMARTEIROS DE LAGOA DOS GATOS
BATALHÃO 51**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Aprovado em 16 de dezembro de 2016.

DEDICATÓRIA

À Deus, por ser extremamente paciente e piedoso comigo, à minha mãe que foi companheira de todas as horas, as minhas irmãs e amigos que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização deste trabalho.

SOARES, Adeilson. **Os Bacamarteiros de Lagoa dos Gatos, Batalhão 51**: (22) p. il. 2016. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo antropológico sobre os Bacamarteiros da cidade de Lagoa dos Gatos, agreste de Pernambuco, tendo como objetivo mostrar os significados das manifestações culturais e ao mesmo tempo a dinâmica cultural que se insere. Neste estudo buscamos identificar a história, quem faz parte dos Bacamarteiros, como vivem, quais são as ferramentas usadas na transmissão dessa tradição, a religiosidade, a arte e sobretudo as especificidades desta tradição centenária. Essa festa popular tradicional que traz costumes de apresentações cênico-perfomática de um grupo de pessoas que vestidos com calça e camisa de zuarite, lenço vermelho ou amarelo no pescoço, chapéu de palha ou de couro, alpercatas, bisaco com munição e seu bacamarte, desfilam fazendo suas apresentações nas ruas, avenidas ou mesmo na zona rural da cidade, dando salvas de tiros em homenagem aos santos católicos reverenciados no mês de junho na região, são eles Santo Antônio, São João e São Pedro. Conforme os dados da pesquisa realizada, a tradição se perpetua a mais ou menos cento e cinquenta anos. Pesquisar sobre os Bacamarteiros é percorrer sobre a história oral, tendo em vista não haver documentos e nem referências em obras científicas sobre os mesmos a não ser poucos momentos encontrados na literatura brasileira. E quanto as origens, a versão que mais se propaga refere-se ao surgimento desses grupos após a guerra do Paraguai (1865). Então diante dos dados coletados somos levados a crer que o folguedo foi criado por pessoas da zona rural que, para homenagear a valentia do nordestino, acabaram por agregar diversas culturas provenientes dos mitos da região.

Palavras-chave: Bacamarteiros. Diversão. História. Lagoa dos Gatos.

SUMMARY

This work presents an anthropological study about the Bacamarteiros of the city of Lagoa dos Gatos, in the state of Pernambuco, aiming at showing the meanings of the cultural manifestations and at the same time the cultural dynamics that are inserted. In this study we seek to identify the history, who is part of the Bacamarteiros, how they live, what are the tools used in the transmission of this tradition, religiosity, art and especially the specificities of this centennial tradition. This traditional folk feast brings performances of scenic-perfomantic performances by a group of people wearing trousers and zuarite shirt, red or yellow scarf around their necks, straw or leather hat, espadrilles, biscuit with ammunition, and their bacamarte, parade Making their presentations in the streets, avenues or even in the rural area of the city, giving salvos of shots in homage to the revered Catholic saints in the month of June in the region, they are Santo Antônio, São João and São Pedro. According to research data, the tradition is perpetuated in about a hundred and fifty years. Search about the bacamarteiros is to go over oral history, considering that there are no documents or references in scientific works about them, except for few moments found in Brazilian literature. And as for the origins, the version that more propagates refers to the emergence of these groups after the war of Paraguay (1865). So, given the data collected, we are led to believe that folguedo was created by people from the rural area who, in order to honor the courage of the Northeast, ended up adding several cultures from the myths of the region.

Keywords: Bacamarteiros. Fun. History. Lagoa dos Gatos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	03
2	HISTÓRIA DE LAGOA DOS GATOS	11
2.1	ENTREVISTA	13
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
	REFERÊNCIAS	15
	ANEXOS	16

1 INTRODUÇÃO

Segundo relatos, conta a história que um dos fundadores do grupo foi o Senhor Manoel Lourenço, dono de Engenho de Cana de Açúcar, que residia no Sítio Espalha Água aqui no município de Lagoa dos Gatos, o mesmo era Pai de Antônio Lourenço, também integrante do grupo.

Tudo teve início com o Senhor Manoel Lourenço que se reunia com os amigos na sua propriedade, para celebrarem a moagem ou os dias dos santos juninos, mais precisamente com o início no dia de Santo Antônio. Naquela ocasião os integrantes confeccionavam a pólvora, que a mesma era pisada em pilão usando-se salitre, carvão e enxofre. Era uma festa só, onde todos ajudavam e ao mesmo tempo se confraternizaram com churrasco de bacalhau na brasa, bode assada, porco na brasa e muita, muita bebida alcoólica. Da Casa grande do Senhor Manoel Lourenço saiam pela região circo vizinha, como Sítios, Porão, Porãozinho e outros, para fazerem as apresentações culturais com bacamartes, festejando a colheita e os santos juninos.

Aproximadamente era um grupo de 12 integrantes. Anos mais tarde, com a morte do fundador o Manoel Lourenço, o Senhor Antônio Lourenço, filho do então fundador, assumia os bacamarteiros, juntamente com o seu cunhado o Senhor João Manoel Soares (João Zuza), mesmo com a morte do filho e do genro, acontecido em 1991, a cultura continuou viva e passou de geração em geração, quem assume depois os bacamarteiros foi o Senhor Antônio Soares de Assunção (Tonho cunhão de fogo), e posteriormente o seu irmão Senhor Paulo Soares de Assunção, que ficou por 18 anos a frente do grupo. Nos dias atuais participam do grupo, vários integrantes da geração da família do fundador. Fazendo com que a cultura não acabe e se renove a cada ano.

Atualmente a Associação dos Bacamarteiros de Lagoa dos Gatos, contam com quase cinquenta associado, desse número aproximadamente 25 estão em atividade. Tendo em vista a criação da Associação da Cultura do Bacamarteiros de Lagoa dos Gatos, fundada em maio de 2012. A Associação foi criada na intenção de dar suporte e proteção aos participantes, no que diz respeito a autorização pelo Ministério do Exército Brasileiro. Com o Bacamarte (arma), pois como se manuseia uma arma de fogo é obrigatório a autorização dos órgãos competentes (Ministério do Exército).

A federação dos Bacamarteiros de Pernambuco – FEBAPE, teve mais uma conquista, através do Projeto de Lei apresentado pelo Deputado Augusto César, apologista do folgado que, espontaneamente, abraçou a causa e tem se empenhado como pode para atender aos interesses dos Bacamarteiros. O projeto do Deputado foi transformado em lei e o então Governador de Pernambuco a sancionou. Esta Lei incluiu “O dia do Bacamarteiro” no calendário cultural do Estado.

Foi a partir da dissertação Os Bacamarteiros de Caruaru, a qual foi defendida por George Michael Alves de Lima, no ano de 2013, no programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, a qual me ajudou a formalizar esse trabalho.

O Bacamarteiro – aventurar-nos-ia a afirmar - seria a representação simbólica do cangaceiro, a figura sublimada do guerrilheiro das caatingas, com todo o seu conteúdo místico e aventureiro que se expande e se reafirma pacificamente, gastando as tendências agressivas de modo inofensivo, aplicando de forma artística, os excessos aguerridos, na figura folclórica do atirador espetaculoso. (BONALD NETO, 2004, p. 58).

Existem diversas versões para explicar a origem dos grupos de Bacamarteiros, alguns pesquisadores mostram que a tradição surgiu após a Guerra do Paraguai no ano de 1865. Esta guerra foi o maior conflito armado ocorrido na América do Sul, travada entre o Paraguai e Brasil, Argentina e Uruguai que foi de 1864 a 1870, sendo o Paraguai derrotado pelos três países (Brasil, Argentina e Uruguai) o que pôs fim ao conflito. Outros também defendem que o uso do bacamarte, especificamente no estado de Pernambuco, deu-se para saudar os santos juninos e teve início com a invasão dos holandeses ao estado de Pernambuco no século XVII. Essa versão é relacionada ao inventário das armas deixadas pelos combatentes que faz referência a “bacamarte de metal de ferro”, estes que teriam chegado às mãos dos “matutos”.

É comum o uso do bacamarte no nordeste, há referências encontradas na nossa literatura, onde o escritor Euclides da Cunha foi encontrá-lo em Canudos, dentro das rústicas taperas de pau-a-pique. De acordo com Bonald Neto:

[...] Foi a arma predileta do cangaceiro, do jagunço, do capanga, antes que a *winchester*, o papo amarelo (modelo de arma), desse ao sertanejo fora da lei ou ao latifundiário prepotente, o rifle de repetição que os puseram no mesmo pé de igualdade com as tropas regulares da Polícia ou do Exército, nos começos deste século. (2004, p. 24).

Não existe outra forma de conhecimento deste folgado que não seja a história oral. Claro que hoje em dia existem obras que evidenciam essa cultura, obras referenciadas neste trabalho, fotografias que registram a existência desse grupo aqui formado a tanto tempo, à histórias que alguns foram criados no início do século XX, descrevendo assim a vida do homem Nordestino brasileiro, cultura essa que nos alegra.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como uma força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2007, p. 46).

Este trabalho foi iniciado com uma pesquisa bibliográfica, o que já foi escrito referente ao folgado e como quase não existem pesquisas sobre Bacamarteiros, se deu muito a algumas bibliografias escritas, artigos e dissertações, para que assim pudesse dar seguimento ao meu trabalho de conclusão de curso. Na verdade além da cultura enxergar a importância significativa dessa manifestação tradição cultural no Nordeste, foi realizada uma pesquisa de campo no dia 17 de outubro de 2016, uma entrevista com a senhora Maria Ana da Conceição onde a mesma pode ajudar informando com detalhes de como surgiu o Batalhão dos Bacamarteiros da cidade de Lagoa dos Gatos- PE.

O conhecimento científico é apenas um tipo de conhecimento que o homem faz uso para a compreensão da realidade social que na verdade nos cerca. É notório as limitações bibliográficas a todo o trabalho, sendo mais um conhecimento oral de tudo que foi vivido até os dias atuais.

Esse estudo nos mostra uma cultura, tradição, história real, memória, literatura sobre os Bacamarteiros e o trabalho etnográfico pelo pesquisador Olímpio Bonald Neto,

uma enciclopédia sobre o universo dos Bacamarteiros, pois seu estudo é minucioso e nos mostra o quanto é belo e interessante, considerado por ele um “esporte sertanejo” (BONALD NETO, 1965), uma obra clássica, que nos mostra ser uma fonte de pesquisa para a conclusão deste trabalho.

O pesquisador Olímpio Bonald da Cunha Pedrosa Neto, nasceu na cidade de Olinda-PE, no dia 17 de outubro de 1932. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife em 1957. Nos anos 1960, cursou Artes Plásticas e, em 1974, fez o curso de Planejamento do Desenvolvimento Turístico, pelo Centro Interamericano de Capacitación Turística (Cicatur – OEA), no México. Em 1980, Bonald Neto fez pós-graduação em Jornalismo Político na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Em 1957, recebeu o prêmio literário Comenda da Ordem dos Guararapes do Estado de Pernambuco por seus Contos. Nos anos 1960, conquista o prêmio de Antropologia Cultural da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ, pela pesquisa realizada sobre os Bacamarteiros, posteriormente publicada em livro sob o título Bacamarte, Pólvora e Povo, pela FUNDAJ.

É importante ressaltar que a tradição do Bacamartismo é repassada através da história oral. Segundo Jacques Tungot (In: LARAIA, 2005, p. 26).

Possuidor de um tesouro de signos que tem a faculdade de multiplicar infinitamente, o homem é capaz de assegurar a retenção de suas ideias, [...] comunica-las para outros homens e transmiti-las para seus descendentes como uma herança sempre crescente.

E assim se mantém aos longos dos anos o Bacamartismo na região agreste de Pernambuco, um conhecimento que se constrói na experiência, repassado pela tradição oral. Na complexa teia de símbolos, significados e sentidos que envolvem os Bacamarteiros, há uma “índole mística”, segundo Bonald Neto:

A índole mística do nordestino marca profundamente esta diversão a que chamamos esporte [...] treino de jagunços e cangaceiros, simbolicamente representados nos atiradores das festas joaninas [...] impossível dissociar desses homens que se reúnem às portas das igrejas, nos meses de junho para rezarem e festejarem com tiros a data dos Santos padroeiros, a lembrança daqueles fanáticos da Serra do Rodeador, de Bonito, que,

a tiros de armas de fogo, anunciavam o fim do ritual semibárbaro de iniciação, ou dos sertanejos rebelados (jagunços, cangaceiros e místicos) que tiveram as epopeias trágicas de Canudos, do Contestado ou de Caldeirão, morrendo e matando, apegado às suas armas como se delas fossem parte integrante. (BONALD NETO, 1965 p. 20).

Os Bacamarteiros de Lagoa dos Gatos-PE, trazem a força de uma existência, as mudanças e permanências, relações com outros folguedos são próprios desta emblemática representação da cultura dessa tradição.

A tradição não se dissocia daquilo que lhe é contrário. Governa os indivíduos e a coletividade, mas só alguns a conhecem inteiramente. Na superfície do conhecimento banal, aqueles que a prática utiliza, encontra-se escondido o conhecimento iniciático. A tradição é ao mesmo tempo exotérica e esotérica, vulgarizada em graus variáveis segundo as condições sociais e, em sua totalidade, reservada à guarda de sábios. (BALANDIER, 1997 p. 94).

Estudar a história dos Bacamarteiros da cidade de Lagoa dos Gatos – PE, não pode ser considerado uma tarefa fácil, pois envolve todo um estudo, significado que envolve o folgado. A história oral foi o ponto crucial, fundamental para que o trabalho tivesse um melhor desenvolvimento ao longo dos dias de pesquisa, o qual nos mostra que a cultura de ser Bacamarteiro continua viva e produz conhecimento sobre o passado. Foi através dessa história oral, da memória de dona Maria Ana da Conceição já citada anteriormente fez com que pudesse compor os dados apresentados, buscando assim elementos recorrentes para um análise de trabalho mais segura para a obtenção do título deste curso, pois ‘[...] as narrativas míticas não são histórias que voltam as costas à realidade, mas uma estratégia de ver, pensar e ordenar o mundo’ (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 31).

Ao longo desse trabalho o importante foi mostrar a trajetória do Bacamarteiro do agreste, mais precisamente da cidade de Lagoa dos Gatos – PE, Batalhão 51, o qual mostra a tradição do folgado, uma celebração aos santos festejados no período junino, o qual poderíamos atribuir que esta tradição é religiosa. A tradição se mantém no município, tradição essa que se atualiza, se adapta e resiste a esse tempo contemporâneo. “As definições precisas empobrecem a realidade e de algum modo a desumanizam”. (BARRIO, 2005).

Tudo começou com a admiração de um garoto pelo seu pai, tios e avó. Pegar uma arma nunca foi sinônimo para mim de violência, apesar de saber hoje, que os tempos mudaram. Mas desde que me entendo por humano, vi minha família por parte de mãe manusear, consertar, fabricar a munição e por fim festejar.

Para mim era sinônimo de casa cheia, mesa farta, muito bolos e como ainda gosto de bolo (risos), conversas, risadas e muito, muito tiro de bacamarte, o chão parecia tremer, o fogo que saia do cano do bacamarte a principio assustador, depois fascinante!

Como não se alegrar em vê os primos, tios, avós, amigos dançarem ao som de sanfona e ao clarão da fogueira de São João?! Na frente da casa, como as armas descarregadas, eu e meus primos deixávamos a imaginar ir além do que era capaz, como se fôssemos os grandes heróis da noite.

As festas juninas eram as mais esperadas do ano, mais do que o Natal, para mim, festa triste! Nos festejos juninos, para mim estava reunido o que mais me trazia paz e segurança, meus familiares e bons amigos, que se juntava a nós nas noites de lua ceia e clara, no clarão da fogueira, a noite só terminava quando o cansaço falava mais alto e caímos de sono, esperando outra noite chegar. A visão que eu tinha era de puro êxito.

Sentava com meu pai, avó e tios, e começávamos a marcar as casas que iríamos visitar durante o mês junino, sempre de familiares e amigos que admiraram a festa do bacamarte. Já imaginava a quantidade de comidas típicas que iria encontrar em cada casa. Tudo regado um bom trio pé de serra. A Sanfona, zabumba e triangulo era que dava o ritmo da festa e como seriam as noites juninas.

Hoje é comum contratar os trios de pé de serra para abrilhantar as festas dos Bacamarteiros, antigamente, eram meus tios e demais familiares que faziam tudo, inclusive o entoar da cantiga “mineiro pau”... era admiração profunda de um grupo de homens, rústicos, dado ao trabalho da roça, mas que nesses momentos de encantamento ao som do rebombar do riuno, se entregaram a mais pura poesia.

A minha satisfação foi eu êxtase, quando um dia, do nada, meu pai me chamou e falou da alegria dele em usar o bacamarte para festejar os santos juninos, além de me dizer que eu seria de agora em diante o guardador de sua arma, (bacamarte) eu também iria carregar a moringa (utensílio usado pra guardara pólvora), de agora em diante. Isso me

lembra hoje os antigos pajens de armas dos nobres e senhores feudais da Idade Média. Eu sabia que esse era o ultimo degrau ate eu ser treinado em usar definitivamente o bacamarte e ser como meu pai, um Bacamarteiro. Eu tinha nesse período 12 anos de idade e aos 13 anos, dei meu primeiro tiro. Sendo o guardador do riuno, era eu que limpava e verificava se as espoletas estavam em ordem para uma nova rodada de apresentação. Me enchia de orgulho, quando os curiosos chegavam perto e demonstraram total admiração pela beleza das armas, especialmente a do meu pai.

Mas, como o tempo, as coisa mudam e é assim que em que ser. As mudanças fazem parte da vida e são elas que nos direcionam para o novo, para o desconhecido. Já com 18 anos de idade, no período de 3 anos, vi ir embora, dois tios, meu avó e para maior dor, meu pai. De repente, inesperado, bruto e cruel, num acidente automobilístico, fiquei sem o homem que aprendi a admirar para sua força de caráter e retidão, era um homem admirável. Como foi difícil, e como doía à ausência de quem amamos. A certeza de não poder vê mais, tocar foi difícil de superar.

Pensei: recai agora sobre mim a responsabilidade de representa-lo, de continuar o legado que ele deixou me tornar verdadeiramente um Bacamarteiro. O legado de uma tradição que durante toda a minha vida era sinônimo de alegria, fartura. Agora faltava a presença do homem que aprendi a admirar, respeitar e seguir.

No primeiro ano sem ele, sair de casa com as vestes de Bacamarteiro e com o bacamarte nas costas, fez minha mãe relembrar momentos que eram de pura felicidade. A presença dos demais familiares no batalhão foi fundamental para suportar o misto de sentimentos que me envolvia. Quando fui chamado para o centro, para dá o meu primeiro tiro com a arma do meu pai, por um instante, fração de segundos, passou um filme na minha mente, o barulho do tira foi grande, mas confesso, não ouvi nada, parecia que o tempo tinha paralisado, não me contive em lagrimas, e ao me dirigir a formação inicial, para a minha posição, percebi que todo o batalhão se emocionara.

Assim passaram-se os anos e nos acostumamos com a dor da ausência, o tempo que, o tempo é senhor de tudo. Aprendi que a essência da vida é morrer.

Ainda hoje, festejar o mês junino e motivo de muitas alegrias, forró, muita comida, regada a muita cachaça. A vida segue e os Bacamarteiros de Lagoa dos Gatos, hoje

Batalhão 51 continua firme e vivenciado a tradição dos seus antepassados, superando o tempo e a modernidade, afinal, a manutenção cultural de um povo tem que ser para sempre.

2 HISTÓRIA DE LAGOA DOS GATOS

As terras que hoje se denominam LAGOA DOS GATOS, segundo fontes históricas, foram uma “SESMARIA” doadas ao capitão Bernardo Vieira de Melo, que participou da desarticulação do Quilombo dos Palmares, recebendo como prêmio as terras que hoje se denominam Lagoa dos Gatos, é também conhecido como a primeira pessoa em Pernambuco a falar em República, o qual nunca chegou a pisar nesse solo. Com sua morte, as terras passaram a pertencer aos seus herdeiros, os quais no dia 23 de agosto de 1804 foram vendidas ao português José Fragoso de Albuquerque, através de Escritura Pública, lavrada às fls. 89 do livro 24, do 2º Cartório de Garanhuns, reconhecido historicamente como o primeiro elemento fundador da povoação vinda mais tarde a se chamar Lagoa dos Gatos.

José Fragoso desbravou e fixou sua residência na localidade que ele denominou de Pery-Pery, vegetação nativa de cor verde e de formato roliço, que expele um líquido viscoso de cor branca, ali iniciando criações e, posteriormente, alargando seu domínio. Segundo fontes históricas, Lagoa dos Gatos foi fundada em 23 de agosto de 1804.

As primeiras famílias que povoaram o município foram: Alexandre Soares e Manoel Pereira Quaresma no Sítio Porão, José Gomes de Souza e José Dias de Sá no Sítio Riachão de Fora, João Higino de Souza Seródio no Sítio Riachão de Dentro, Manoel Severino Cobra no Tambor, Antonio Francisco de Assis Pereira no Sítio Barra dos Gatos, Simão Correia dos Santos e Marcolino Cavalcanti de Oliveira no Sítio Brejo dos Correias, Antonio da Silva Portela na Serra do Espelho, Francisco Bento da Silva e João Domingos André no Sítio Lajedo, Joaquim Paz de Lira que viera da Baixa Verde e muitos outros foram os fundadores do atual território de lagoa dos Gatos.

2.1 Origem do nome Lagoa dos Gatos

De acordo com fontes históricas, existem três versões sobre a origem do nome Lagoa dos Gatos, porém, a mais popular e reconhecida versão sobre a origem do nome da cidade e pelos habitantes adotado é que no final do Século XVIII, quando José Francisco de Albuquerque chegou nessa região, tudo era coberto de uma grande e escura mata, local em que hoje se encontra localizada a cidade, existindo também, naqueles dias, uma pequena

lagoa formada por uma nascente e alimentada pelas águas do riacho que lhe passava à direita.

A belíssima lagoa, única área franqueada aos raios solares, tinha suas águas límpidas e doces, protegidas por extenso lençol de junco e pery-pery. Certo dia, nesta lagoa, conta a história, que um caboclo caçador deparou-se, casualmente, com vários gatos de origem maracajás ali bebendo água, fato este relatado aos demais habitantes das proximidades, os quais passaram a chamá-la de Lagoa dos Gatos.

2.1 ENTREVISTA

Maria Ana da Conceição, 82 anos, casada durante 55 anos com Antônio Lourenço da Silva, filho do fundador dos Bacamarteiros, de Lagoa dos Gatos, Manoel Lourenço da Silva. A mesma viveu durante 15 anos na casa do mesmo, e é a única pessoa com vida que presenciou os primeiros festejos juninos na casa da fazenda do fundador. Depois da morte da matriarca da família, a mesma, passou a cuidar dos afazeres da casa. Durante uma tarde, em uma conversa informal a mesma relatou que foi morar na casa de Manoel Lourenço com 24 anos, para trabalhar no plantação de café e mandioca e na produção de farinha, onde a casa de farinha produzia 04 dias na semana. Durante o período que foi trabalhar na casa grande, enamorou-se e casou-se com o filho mais velho do seu Manoel, o senhor Antônio Lourenço; que, participava ativamente na produção das festas juninas da fazenda, onde a presença de um grupo de Bacamarteiros era principal atração; antes da festa que se realizava no dia 24 de junho, dia de São João, era realizado o terço (com rezas e cantigas religiosas), comandado pela esposa do Senhor Manoel Lourenço, Maria Francisca de Jesus, e as manifestações culturais de danças e mazorca só aconteciam depois do terço, onde se reuniam no terreiro da casa em volta de uma grande fogueira para festejar o Santo junino, e atirarem de riuno. As manifestações duravam a noite toda, regado a churrasco de carne de charque e bacalhau, algumas vezes carne de bode e muita cachaça. Ela assumiu as funções de chefe da casa, com a morte da matriarca da família, organizando e coordenando as funções da festa religiosa. O senhor Manoel Lourenço, fundador dos Bacamarteiros, adoeceu e passou 11 anos acamado, mas no período de festa, era colocado numa cadeira (espreguiçadeira), para acompanhar os festejos dos Bacamarteiros. Após a sua morte no ano de 1972, o seu esposo, filho do Fundador, assumiu a liderança dos Bacamarteiros, juntamente com o genro de seu Manoel o senhor João Soares de Assunção (João Zura). Com a morte dos dois um em 1987 e o outro em 1990, quem assumiu as funções de dirigentes dos Bacamarteiros foi o Senhor Antônio Soares de Assunção conhecido como ‘cunhão de fogo’ e que atualmente quem comanda ao Batalhão de Lagoa dos Gatos é o bisneto do fundador Paulo Soares de Assunção Junior.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atividade ou folguedo “Bacamarteiros” necessita de proteção e reconhecimento no que diz respeito a valorização e criação de políticas públicas para a sua manutenção. Percebi na elaboração da pesquisa que a festa do Bacamarteiro resiste ao tempo, mas perde algumas das suas características, devido ao Estatuto do Desarmamento que criminalizou o uso de arma de fogo, isso dificultou a fabricação do bacamarte, que é feito de moto artesanal, bem como, a fabricação da pólvora. Para isso, há uma fiscalização do Ministério da Defesa (exercito).

Então, além de toda a fiscalização que hoje existe, o que torna a manifestação folclórica do Bacamarteiro quase um ato fora da lei, ainda esbaramos também na lei do silencio. Então as apresentação são sempre longe dos centro urbanos povoados, o que torna a apresentação segregada, longe do olhos de quem admira e mais distante ainda dos que poderiam ser influenciados para continuarem a preservação do folguedo.

Mas, apesar de todas as dificuldades que a visão de um mundo contemporâneo e moderno impõe sobre as mais diversas manifestações folclóricas, as tradições, costumes e vivência de um povo ou região, se manterão firmes no proposito de festejar e passar para as novas gerações sem costumes e tradições.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Lady Selma; NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. (orgs). (2010). Dossiê: Cultura Popular. Ano 14, v. 21 (1), **Revista ANTHROPOLÓGICAS**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE. Recife: Bagaço.
- BAKHTIN, Mikhail. (2008). **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 6. Ed. São Paulo: Hucitec.
- BARRETO, Jose Ricardo Paes; PEREIRA, Margarida Maria de Souza. (2002). **Festejos Juninos: uma tradição nordestina**. Recife: Nova Presença. 148 p.
- BONALD NETO, Olímpio. (2004). **Bacamarte, pólvora e povo**. 3. Ed. Recife: Bagaço.
- BOSI, Ecléa. (2007) **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 14. Ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- CANCLINI, Nestor Garcia. (1983). **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (2008) **Antropologia Estrutural**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify.
- LIMA, Claudia. *História junina*. Recife: PCR, Secretaria de Turismo, 1997. p. 27. Edição especial.
- LIMA, George Michael Alves de (Org.) *De bacamarteiros, de festa, de devoção / Organizador George Michael Alves de Lima. – Recife: Ed. Flamar, 2014*
- MORIN, Edgar. (2005). **Cultura de Massas no Século XX: Neurose**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

ANEXO



1º Registro do Batalhão de Lagoa dos Gatos



Registro do Batalhão na Década de 80



Registro do Batalhão na Década de 90



Apresentação na cidade de Bezerros - PE

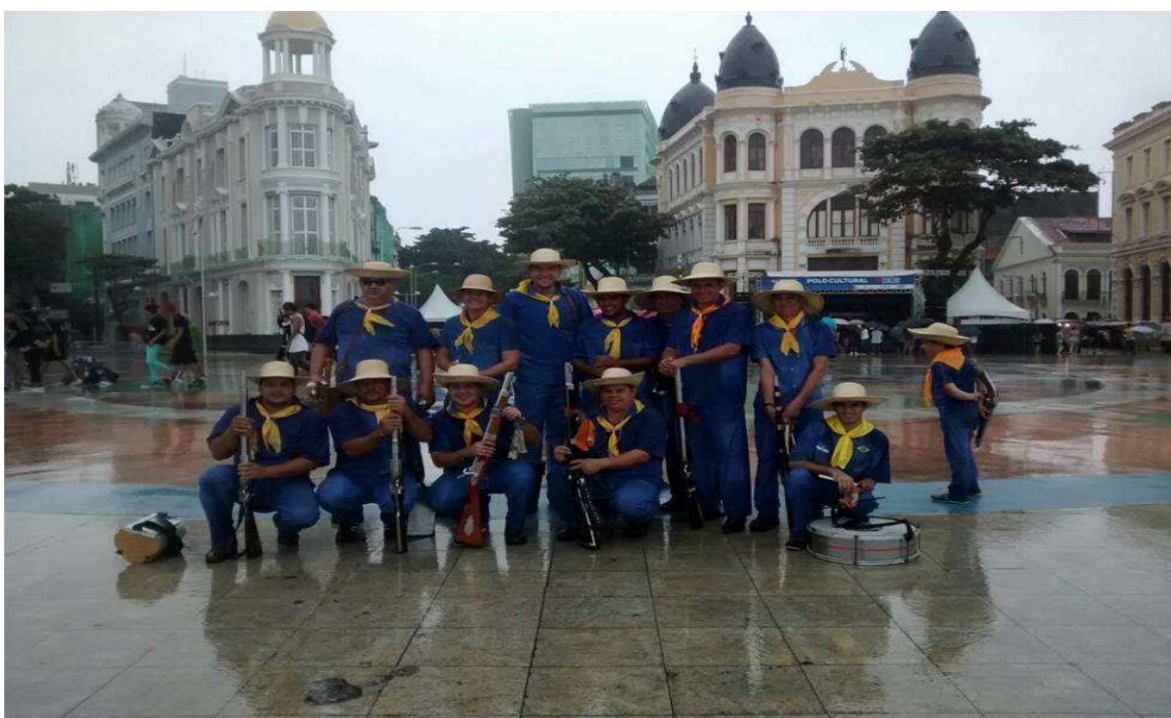


Foto: Elielma Santos

Apresentação na cidade de Panelas – PE



Apresentação na cidade de São Benedito do Sul – PE



Apresentação no Recife Antigo



Desfile no Recife Antigo



Foto: Elietna Santos

Desfile no Recife Antigo

HOJE NA **FOLHA 96.7**

Geração de emprego e renda no "Jota Ferreira Agora", às 16h

FOLHA
DE PERNAMBUCO

PREÇO PROMOCIONAL
PARA VENDA AVULSA R\$ 1,50

EXEMPLAR ASSINANTE
VENDA PROIBIDA **Grupo EQM**
Pernambuco

www.folhape.com.br
Recife, 27 de julho de 2015

SEGUNDA-FEIRA

Ano XVIII n° 204
Fundador: Eduardo de Queiroz Monteiro

> Ano letivo
**Passé Livre da Rede
Estadual começa
a operar hoje**

Cotidiano > Página 1

> Abalo sísmico
**Tremor de 3,3 graus
em Caruaru é o
maior já registrado**

Últimas > Página 2



Arthur de Souza

> Rota 104

**Interior
como rota
turística**

Projeto lançado no Recife Antigo de Coração incentiva o turismo cultural, de artesanato e gastronômico dos municípios que integram a BR-104 em Pernambuco. Na programação de ontem teve apresentação de bacamarteiros (foto).

Cotidiano > Página 4



ASSINE: 34250909
telemarketing@folhape.com.br

ANÚNCIO: 34255831/5841
comercial@folhape.com.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO: 34250901
alofolha@folhape.com.br

WhatsApp Folha
(81) 8187-9290

Apresentação no Marco Zero é destaque na imprensa do Estado